



A que responde a Arte de Van Gogh?

Gisella Sette Lopes (relatora)¹

Maria Eliane Neves Baptista

Rosa Maria de Lima Reis

Rosane da Fonte

gmsl@terra.com.br

Resumo: Recortando a biografia de Van Gogh, o texto identifica momentos de irrupção de um real silencioso e, paralelamente, as tentativas de tratamento que o pintor foi encontrando na busca de uma estabilização, nunca alcançada. Os "artifícios" que utilizou fracassaram: não conseguiu fazer uma suplência que o inscrevesse no Outro social.

Palavras chave: Van Gogh; real silencioso; "artifícios"; suplência.

Abstract: Selecting part of Van Gogh' biography, the text identifies sudden bursts of silent real as well as repeated treatment attempts the painter made to acquire some stabilization never accomplished. The "artifices" tried failed completely: nothing succeeded as a supply and make him become part of the social Other at all.

Key words: Van Gogh; silent real; "artifices"; supply.

Sinto em mim um fogo que não posso deixar apagar, que, ao contrário, devo atizar ainda que não saiba a que espécie de saída isso vai me conduzir. Não me espantaria que essa saída fosse sombria. Mas, em certas situações vale mais ser vencido do que vencedor. (Van Gogh)

Pretendemos tomar a biografia de Van Gogh para elucidar um ponto teórico-clínico que atravessou o nosso trabalho de cartel: trata-se de articular o que Jacques-Alain Miller denominou Inconsciente Real com o sintoma, tal como Lacan o concebeu em 1974: "Chamo de sintoma aquilo que vem do Real"², ressaltando que o sintoma implica uma manifestação do real.

Esse real sintomático mudo e fora do sentido, nos remete para o que Miller - em seu seminário de 2006-2007³ - articulou com o inconsciente real. Nessa perspectiva, realizaremos alguns recortes na vida do artista tentando localizar momentos de irrupção desse real silencioso, identificando-o, em seguida, à tentativa de tratamento dado por ele diante de tais manifestações em busca de uma possível estabilização pela via do *sinthoma*⁴.

Van Gogh nasceu em 1853, um ano depois da morte do seu irmão mais velho, Vincent Van Gogh, que havia morrido ao nascer. Deram a ele o mesmo nome do natimorto. Na lápide do túmulo visitado pela mãe e pelo artista se encontrava escrito o nome Vincent Van Gogh, nascido no mesmo mês e dia de seu nascimento.

Quem está morto? Supomos que esse ponto instalou o traumático em Van Gogh, produzindo um lapso no nó.

Articulando o traumático com o inconsciente real, Miller afirma que "Esse inconsciente como real é análogo, homólogo do traumatismo"⁵. Um déficit simbólico se pôs entre o eu e o outro, comprometendo a possibilidade de Van Gogh dialetizar a separação entre ele e o irmão morto.

Vincent Van Gogh foi uma criança que amava a solidão e se sentia em estreita comunhão com a natureza, inquietando seus pais com esse comportamento solitário e com suas iras mal contidas. Na idade escolar, Vincent deixou a casa paterna para estudar em cidades vizinhas. Nas férias reencontrava o irmão Théo, com quem estabeleceu um laço - iniciado em conversas durante longas caminhadas pelo campo, que prosseguiram por meio de uma correspondência inesgotável - que manteve até o final de sua vida. Sua pintura retrata essa época de andanças, pelo seu gosto de pintar nos campos, pelos ciprestes, pelos girassóis, pelas cores vivas que empresta às noites, cumprindo a tarefa paradoxal de representar a escuridão pela luz. Suas cartas

eram longos monólogos em que, para se fazer entender, se explicava a si mesmo. Vicente construiu uma compensação imaginária com Théo.

Em julho de 1869, graças ao tio Vincent, tornou-se empregado na Galeria Goupil e Cia, empresa que negociava objetos de arte na Europa. Ali se comportou como um empregado-modelo e desenvolveu seu gosto pela pintura. Em janeiro de 1873, promovido em seu trabalho, foi enviado à filial de Londres. Ele se deteve inúmeras vezes para desenhar à beira do Tamisa e, ao voltar para casa, percebeu que seus desenhos não se assemelham a nada. Assemelhar-se a nada ressalta a irrupção de um real não especularizável. Van Gogh afirmava ver nada na tela que pintava.

Em pouco tempo atritou-se com os clientes em Londres, expressando opiniões próprias sobre artes. Ausentava-se para visitar parentes na Holanda sem dar satisfação aos patrões, vindo a pedir demissão em 1876. Convocado a uma posição fálica, não conseguiu responder e fracassou, buscando reparação no amor e na religiosidade.

Em Londres, experimentou sua primeira desilusão sentimental. Apaixonou-se por Ursula Loyer que o recusou. Vincent ficou desesperado e, ao reencontrar a família em Etten, todos ficam chocados com sua tristeza. Voltou a Londres e procurou em vão rever Ursula. Relatou aos pais ser essa a causa de sua melancolia. A perda do objeto do amor recaiu sobre ele.

Mas Vincent insistia na busca por uma suplência. Escreveu a Théo dizendo-se atraído pela religião. Sem ter nenhum dom de oratória, tornou-se pregador e fracassou. Bateu novamente à porta da casa paterna. Insistiu, dizendo: "Quero ser pastor como meu pai". Sua família, preocupada, decidiu enviá-lo à Universidade de Amsterdã. Vincent dedicou-se aos estudos: estudar para ele tornou-se uma tortura, sinalizava-se um novo fracasso.

Resolveu ser missionário entre os mineiros de Borinage e entregou-se à exaltação mística. Passou a viver em uma cabana de tábuas, dormia na terra nua, usava um velho camisa de soldado e cuidava dos doentes de tifo. Identificado imaginariamente com os mineiros em sua vertente de resto humano, Vincent sinalizava o desprezo por todos os semblantes. Esse seu comportamento, porém, longe de levar os mineiros à virtude, escandaliza-os. A reparação não sinthomática que tentou pela religiosidade também fracassa.

Na carta que escreveu a Théo em 18 de agosto de 1877 disse: "Acordei cedo e vi os operários chegarem. [...] Depois disso, alimentei-me de um pedaço de pão seco e um copo de cerveja; é uma maneira, recomendada por Dickens àqueles que estão a ponto de se suicidar, como sendo particularmente indicada para desviá-los ainda durante algum tempo deste projeto"⁶.

O suicídio fora anunciado. Vincent estava perdido. Voltou a pé e novamente foi bater à porta da casa em Etten (1879). Só que agora as portas se fecharam para ele, ao se contrapor aos semblantes da família com seu estilo de vida. Começou então o mais sombrio período de sua vida. Dormiu à beira dos caminhos, debaixo de carroças. Viveu do dinheiro que Théo enviava. Apesar da angústia em Borinage, acreditou haver descoberto seu caminho: seria pintor. Simultaneamente, retomou as suas empreitadas amorosas.

Apaixonou-se pela prima Kee, a quem passou a atribuir a suavidade do traçado dos quadros que pintava. Entretanto, quando Kee recusou-se a ouvir sua declaração de amor alegando que o passado e o futuro permaneciam para ela inseparáveis e que jamais poderia corresponder aos sentimentos dele, Vincent vivenciou momentos de grande sofrimento. Ao ouvir de Kee: "jamais, não, jamais" que ele descreveu como "algo esmagador como a danação eterna",

comparou a paixão com velas de um barco expostas à ventania intensa. "Ambição" e "Amor" foram os nomes escolhidos por ele para nomeá-las. Ressaltou que quando a vela "Ambição", que teria a capacidade de recuperá-lo de um naufrágio, se apresentava de forma insuficiente e o levava a entrar em desespero, recorria a outra força representada metaforicamente por uma vela desprezada, abandonada num porão. A vela "Amor" era a única possibilidade de salvação.

Algum tempo depois surgiu Sien, com quem passou a viver. Dizia sentir por ela um amor real e não um sonho. Apesar de haver tornado Sien sua musa, perdeu a mulher que amava e escolheu viver sozinho em um esconderijo. Concentrou, em seus quadros, a energia que antes disseminara na devoção à família. Mais uma vez Vincent fracassou na vida amorosa. Misturando vida e arte, colocou nesse momento a obra a serviço da vida e, através da criação, retomou e prosseguiu sua existência.

As investidas amorosas não lhe permitiram fazer *sinthome*, mas convergiram sempre para a separação, provocando a irrupção do real sob a forma do sintoma.

Vincent decidiu ir para Arles, no sul da França. De lá, escreveu para Théo falando da alegria em ver chegar o primeiro amigo, Paul Gauguin. Vicente Van Gogh vislumbrava a possibilidade de enfim estabelecer um laço com o Outro. Porém, em outra carta⁷, já relatava dificuldades nesse relacionamento. Revelou a suspeita de uma separação iminente do amigo. Em 25 de dezembro de 1888 explodiu a crise que se anunciava.

Em seu livro *Antes e Depois*⁸, Gauguin relatou que no dia anterior havia feito um retrato de Vincent que, ao ver a tela, disse: "Sou eu mesmo, mas enlouquecido"⁹, expressão reveladora de um real que ele não conseguiu deter. Nessa mesma noite os dois amigos foram a um café e se desentenderam. Gauguin levou-o para casa, onde ele dormiu

profundamente. No dia seguinte, acordou calmo e se desculpou. Embora tenha aceitado a desculpa, Gauguin anunciou que ia partir. À noite, Gauguin saiu para caminhar; ouvindo passos, virou-se e viu Vincent avançar em direção a ele com uma navalha aberta. O amigo olhou-o. Vincent abaixou a cabeça e voltou correndo para casa. Nesse dia Gauguin o abandonou, dormiu em um hotel e, no dia seguinte, soube que Vincent cortou a própria orelha com uma navalha. Segundo algumas fontes, ele a entregou embalada a uma prostituta do bordel que freqüentavam.

Observa-se, nesse episódio, mais uma situação em que uma emergência do real se repete, apontando o ponto traumático implicado no significante "separação". Vincent passou ao ato, identificado ao objeto caído. Van Gogh foi internado em um hospital. Estava louco. Nesse hospital, entre duas crises, pintava muito. Em janeiro de 1889 ele voltou para casa sem estar totalmente recuperado: atormentado pela angústia, o real insiste. A vida se tornou dolorosa demais. Vivia na sombra do amigo que foi embora.

Nesse momento, o recurso à pintura não lhe forneceu mais sustentação. A crise avançava. Van Gogh passou a se sentir perseguido. Assustado pelos sinais da próxima crise decidiu internar-se, em maio de 1889, no asilo de Saint Remy, um antigo monastério onde permaneceu por um ano.

Durante as crises tem alucinações terríveis, depois volta à lucidez, mas fica abatido pelo tempo que considera perdido. E volta a trabalhar com desespero impulsionado pela fogueira interior que o obriga a transmitir em imagens o que não pode dizer com palavra¹⁰.

A irrupção de um gozo opaco o manteve na angústia em que mergulhou. Pediu, então, a Théo que o levasse para um lugar tranqüilo. Théo o instalou em Auvers-sur-Oise. Van Gogh voltou a trabalhar com afinco, sob o olhar do Dr. Gachet. Retratou-o, retratou-se e pintou os arredores que

lhe recordavam os campos de sua infância. Nessa ocasião, sofreu a pior de suas crises. Recuperou-se e ainda voltou a Paris. Quando regressou a Auvers não encontrou o médico, que precisou ausentar-se.

Vincent debateu-se com as alucinações que o assaltavam. Estava desesperado. Foi aos campos de trigo, pintou telas de corvos em revoadas que descrevem bem seu estado. Perambulou por esses trigais. Era 29 de julho de 1890. Estava armado para atirar nas gralhas, mas disparou um tiro no próprio peito. A quem matou Van Gogh? Seria a ele, ou ao morto que o habitava?

Suas diversas tentativas do tratamento sintomático em busca de uma estabilização fracassaram. Ser companheiro, ser missionário, ser amante, ser pintor, nada fez laço: não conseguiu se inscrever no Outro social. Nenhum desses recursos foi suficiente para produzir um enodamento capaz de enlaçar o real e quem sabe, fazê-lo feliz. Nem sempre a arte traz felicidade.

¹ Gisella Sette Lopes é Membro da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP). Trabalho de Cartel apresentado na III Jornada da Seção Pernambuco (EF) e no XVII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano: Psicanálise e Felicidade. Sintoma, efeitos terapêuticos e algo mais. Recife, novembro de 2008.

² Lacan, J. (1986[1974]). "A terceira" (1974). In *Che Vuoi?: Psicanálise e Cultura*, 1(0). Porto Alegre: Cooperativa Cultural Jacques Lacan, p. 23.

³ Miller, J.-A. (2008[2006-2007]). "O Inconsciente real" (2006). (Seminário Inédito). In *Opção Lacaniana OnLine*, (4). Recuperado em nov. 2008, de www.opcaolacanianana.com.br.

⁴ Schejtman, F. (2008, setembro). "Nós do amor". In *Letra Clínica*, (2).

⁵ Miller, J.-A. (2008[2006-2007]). *Op. cit.*, aula de 15/11/06.

⁶ Van Gogh, V. (1997[1877]). *Cartas a Théo* (1877). Porto Alegre: L&PM Pocket, p. 24 e 25.

⁷ Idem. *Ibidem*, p. 307.

⁸ Gauguin, P. (1997). *Antes e depois*. Porto Alegre: L&PM Editores.

⁹ Van Gogh, V. (1997[1877]). *Op. cit.*, p. 245.

¹⁰ Idem. *Ibidem*, p. 21.